

NEGRO E LIVRO DIDÁTICO: RELEITURA DAS REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS EM UM LIVRO DE HISTÓRIA DE 7ª SÉRIE

Maria Lindaci Gomes de Souza (orientadora)¹

Janailson Macêdo Luiz²

Introdução

O livro didático ainda se caracteriza como um dos principais instrumentos utilizados pela grande maioria dos professores nas salas de aulas dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas brasileiras. Nos estabelecimentos de ensino cujo público alvo é constituído basicamente de alunos oriundos das classes populares, estes livros são vistos pelos alunos como um dos raros materiais de leitura que podem servir de referência para a aproximação com os saberes científicos. Por esta razão privilegiamos a análise desse tipo de material didático, não só porque subsidia teoricamente as práticas escolares durante o processo educativo, mas também por possibilitar a socialização do conhecimento, sendo que lhe é conferido um caráter de verdade.

Nesse sentido, o presente artigo apresenta discussões relativas ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa em execução, que tem como objetivo central analisar as modalidades de uso e as formas de apropriação das representações sobre os negros em um livro didático de história de 7ª série utilizado como recurso pedagógico para o ensino desta disciplina em uma escola estadual na cidade de Campina Grande (Paraíba) no recorte temporal que vai de 1999 até 2002. O estudo objetiva assim, identificar a recorrência de representações iconográficas sobre os negros nestes livros didáticos de história, verificar as modalidades de usos das representações sobre os negros nessas obras e analisar que concepções sobre a etnia negra são construídas e/ou reproduzidas nas iconografias selecionadas.

Pesquisas sobre o negro no livro didático

¹ Prof^ª. Dr^ª. do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Líder do Grupo de Pesquisa História e Cultura Afro-Brasileira (UEPB/CNPq); Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos Indígenas (Neab-Í) da UEPB; Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Assuntos Comunitários da UEPB.

² Graduando em Licenciatura em História pela UEPB; Membro do Grupo de Pesquisa História e Cultura Afro-Brasileira (UEPB/CNPq); Bolsista do programa de iniciação científica (PIBIC/CNPq/UEPB); Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos Indígenas (Neab-Í) da UEPB.

O livro didático, que se constitui em um recurso amplamente utilizado pelo professor de história, tornou-se comum no Ensino Fundamental nas Escolas Públicas, principalmente, a partir da obrigatoriedade da sua distribuição gratuita pelo governo federal, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que começou a vigorar em 1994. Ele desempenha um papel significativo na formação ideológica e cultural no cotidiano escolar, seus textos e imagens passam a ser um forte referencial para quem o lê (COSTA, 2005, p.59).

A importância da literatura didática fez com que ela se tornasse alvo de inúmeras pesquisas: as primeiras abordagens sobre a representação dos negros em livro didáticos brasileiros remontam à década de 50.

No final dos anos 70 e no transcorrer dos anos 80 ocorreu uma ampliação significativa na quantidade de estudos que tratam desse tema, seja de maneira direta ou indireta, o que parece ter sido influenciado por: novas tendências nos estudos sobre relações raciais no Brasil, movimentações no campo da educação e atuação dos Movimentos Negros.

Contudo, o número de trabalhos elaborados a nível nacional sobre esse tema ainda é bastante reduzido, o que faz com que não exista um campo de conhecimento constituído para essa espécie de análise. Na maior parte desses estudos foram privilegiados como objetos para a análise livros de História e de Língua Portuguesa do ensino fundamental.

Inúmeras pesquisas mostram que no Brasil por muito tempo não se reconheceu o papel da população negra na construção da sociedade nacional. Ainda hoje as relações desta população com as ditadas histórias gerais e do Brasil muitas vezes não são vistas como tradição e passado significativo e, por isso, são invisibilizadas e minimizadas nos currículos escolares (ROSEMBERG; BRAZILLI; SILVA, 2003).

A literatura didática desempenha um papel significativo na formação ideológica e cultural no cotidiano escolar, seus textos e imagens passam a ser um forte referencial para quem dela se apropria (COSTA, 2005: 59). Dessa forma, devido ao seu caráter contextual, o livro didático auxilia na construção de uma visão de mundo por parte do aluno.

Grande parte das pesquisas relacionadas à forma como os negros foram representados nos livros didáticos brasileiros, realizadas entre 1950 e 2003, constataram que os livros didáticos analisados foram elaborados com base em um paradigma eurocêntrico. Tomando como exemplo o que destacou Silva (1999: 21), podemos observar que

No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os

povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência.

Dessa forma, torna-se importante analisar como os negros foram caracterizados nos livros didáticos, haja vista que as imagens expostas nesses livros auxiliam na construção de identidades dos sujeitos, mexendo com a auto-estima destes.

Relevância da abordagem

O desenvolvimento da presente proposta de pesquisa servirá de contributo às discussões referentes ao entendimento dos modos como culturas oriundas dos grupos subordinados na sociedade brasileira atual (como é o caso da população negra) se constituem no processo de ensino/aprendizagem. O livro didático pode estar contribuindo para o reforço de valores depreciativos que interferem nas formulações culturais dos indivíduos.

Os “retratos” do passado, estampados nos livros didáticos, não escapam aos olhares dos alunos. Esses “retratos” se inserem em processos socioculturais mais amplos, junto com os quais, influenciam na formação de identidades individuais e/ou coletivas. Tais processos fazem parte das realidades históricas e objetivas que são transmitidas aos sujeitos pela sociedade, quer seja através da escola, amigos ou grupo familiar, quer seja meios de comunicação (COSTA, 2005: 7).

Alguns autores enfatizam a presença de uma elevada quantidade de imagens nos livros didáticos, especialmente nos de ensino fundamental. O que pode ser justificado pela demanda visual tida no atual mundo globalizado. Considerando essa importância da imagem no mundo contemporâneo, propomos uma reflexão acerca das iconografias, no sentido de tomá-las como objeto de estudo, como fonte histórica, construtiva dos sistemas simbólicos e de representações sociais.

Devemos destacar que a nossa preocupação ao enveredar teoricamente por esta temática, tendo como olhar norteador a leitura das imagens, justifica-se em virtude da criação de fontes que sirvam de referência para o cumprimento da lei 11.645,³ pretendendo auxiliar no suprimento de recursos sobre essas temáticas, especialmente no estado da Paraíba.

³ Que Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Ao final da pesquisa pretendemos também formar um acervo iconográfico contendo o material analisado. Essa iniciativa busca construir mais um possível local de consulta e obtenção de fontes para aqueles que lidam com ensino da história e, conseqüentemente, da “história e cultura afro-brasileira”.

A escolha desse recorte temporal (1998-2003) se deu pelo fato do período ser marcado por medidas importantes para o ensino das questões referentes aos negros: inclusão da pluralidade cultural entre os temas transversais nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e aprovação da Lei 10.623⁴. Esse período é considerado por nós como momento de transformação, de “metamorfose” dos estudos referentes à população negra no Brasil.

Com a execução desse estudo buscamos seguir o princípio das “ações educativas de combate ao racismo e as discriminações” exposto nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, elaboradas em 2004 pelo Ministério da Educação. Esse princípio, entre diversas outras possibilidades, encaminha para “a crítica pelos coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, professores, das representações dos negros e de outras minorias nos textos, materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las”.

Consideramos também que os resultados desta pesquisa subsidiarão as pesquisas, discussões e atividades de extensão universitária do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e dos Povos Indígenas (Neab-í) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), vindo a subsidiar a atuação de docentes que atuam no ensino fundamental e médio, como também extencionistas, pesquisadores e membros do movimento negro, frente à temática objeto deste estudo.

O livro didático entre estereótipos, representação e disputas simbólicas

A escola e o ensino têm se mostrado como sendo um dos meios propícios para a transmissão de estereótipos. Sobre esta questão, Silva nos mostra que a presença da população negra nos livros didáticos “foi marcada pela esteriotipia e caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas” (SILVA, 1999: 23).

Nesse sentido, os sujeitos oriundos de culturas dos grupos subordinados, principalmente os negros, as mulheres e os povos indígenas, “são representados, em grande

⁴ Que Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira.

parte, nos meios de comunicação e matérias pedagógicas, sob forma estereotipada e caricatural, despossuídos de humanidade e cidadania.” (SILVA, 1999: 21).

Ao veicular estereótipos que expandem uma representação negativa do negro e uma representação positiva do branco, o livro didático está expandindo a ideologia do branqueamento, que se alimenta das ideologias, das teorias e estereótipos de inferioridade/superioridade raciais que se conjugam com a não legitimação pelo Estado, dos processos civilizatórios indígena e africano, entre outros, constituintes da identidade cultural da nação (SILVA, 1999: 23).

Estas formas de representação dadas a estes segmentos da sociedade estão inseridas nos cerne do que Chartier chama de lutas de representações. Estas lutas são tão importantes quanto as “lutas econômicas” para a compreensão dos “mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (CHARTIER, 1991: 17).

Como argumenta o mesmo autor, as representações sempre estão imersas em um “campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (1991: 17). As representações com relação aos negros em materiais didáticos estão assim envolvidas em uma luta simbólica, através do poder simbólico.

Para Bourdieu (2007: 8): “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” Desse modo, as formas como os negros são representados em materiais pedagógicos, voltados para o ensino de conteúdos da história, estão inseridas em sistemas simbólicos mais complexos. Estes sistemas distinguem-se

Sobre a apropriação de elementos culturais, o mesmo autor afirma que a apropriação de um sistema simbólico o insere dentro de uma ideologia. Estes sistemas são usados com fins ideológicos, os quais podem ser criados ou reproduzidos.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (Id., Ibid.: 14).

Este tipo de poder tem a educação como um campo vasto para exercer suas influências. Como já foi citado, muitas pesquisas mostraram que representações estereotipadas das populações negras durante muito tempo foram propagadas em livros didáticos. Essa propagação tem efeitos negativos sobre os alunos, negros e não negros. Os alunos podem internalizar os estereótipos, o que implica que eles serão potenciais continuadores deste tipo de visão.

Democracia racial e Imagens no mundo contemporâneo

O fato de meios simbólicos terem sido utilizados para reproduzir valores preconceituosos com relação aos negros, mostra um pouco da cara do chamado racismo à moda brasileira, que, em resumo, se apresenta principalmente de modo velado e subliminar. Esse tipo de reprodução de estereótipos fica muitas vezes escondido atrás do chamado mito da democracia racial.

A teoria da democracia racial, é preciso salientar, foi criada para fundamentar uma homogeneização cultural e omitir as diferenças e desigualdades sociais. Serviu para fortalecer a idéia de uma História Nacional caracterizada pela ausência de conflitos (...) Em sua face mais perversa, essa teoria serviu para dissimular as desigualdades sociais e econômicas, e para justificar a situação e miséria de grande parte da população (...) (BITTENCOURT, 2003: 199).

Atrelada a esta teoria está a chamada ideologia do branqueamento que se efetiva no instante em que o indivíduo estigmatizado, internaliza uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do outro, tendendo assim a “se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos” (Id., Ibid.: 23).

Da mesma forma que os textos, as imagens contidas nos livros podem reproduzir estereótipos, ainda mais em um período onde as pessoas vivem “num universo midiático, permeado pelas imagens, num contexto onde cada vez mais substituímos nossas experiências reais pelas representações dessas experiências.” Contudo, não se deve atribuir a imagem um caráter de mera ilustradora da realidade: “é certo que hoje se admite que a imagem não ilustra

e nem reproduz a realidade, ela a constrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico.” (SALIBA: 119).

Devido a estes fatores, nos últimos anos tem aumentado o número de trabalhos voltados para a análise social da imagem. A imagem por muito tempo foi usada no processo educativo como mera ilustração. Seu emprego esteve desta forma associado à área da arte ou ornamentação de trabalhos nas diversas áreas do conhecimento, em geral em ocasiões pontuais, a exemplo de datas comemorativas do calendário escolar, trabalhos escolares, feiras de ciência da escola, entre outras. Vemos hoje que o estudo da imagem é fundamental para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e de espaço (LEITE, 1998: 34).

Contatos com os Locais de Estudos e com as amostras a serem analisadas

A coleta inicial de dados da pesquisa (seleção dos livros didáticos de história da 7ª série utilizados como recurso pedagógico para o ensino desta disciplina no período de 1998 a 2003 que servirão de objeto para o nosso estudo) foi centralizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Hortêncio de Souza Ribeiro (PREMEN), localizada na Rua Otacílio Nepomuceno, sem número, no Bairro do Catolé na Cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. Essa escola foi escolhida por ter sido o estabelecimento de ensino cujo bolsista do projeto concluiu os ensinos fundamental e médio.

Primeiramente, foi realizado um contato inicial com a direção da escola. Este foi o momento onde nos apresentamos e tornamos explícita a intenção de realizar um projeto de pesquisa que envolveria o referido estabelecimento de ensino. Nesse sentido, o projeto foi apresentado de forma breve à diretora adjunta. Neste primeiro contato foi feito o pedido para consultar o acervo do colégio e comunicar a utilização na nossa pesquisa de livros didáticos utilizados na instituição.

A diretora adjunta não se opôs a nossa intenção e nos encaminhou para a pessoa que segundo ela poderia melhor nos ajudar em tal empreitada, a atual coordenadora da área de Ciências Humanas e Sociais do colégio.

Fizemos então contato com esta coordenadora, que nos auxiliou na identificação dos livros didáticos de história utilizados na escola na sétima série no período que compreende a nossa pesquisa. Segundo o levantamento feito por esta professora, junto aos professores de história que lecionavam nas sétimas séries na época, foram utilizados entre 1998 e 2003 livros

de duas coleções, das quais ela conseguiu identificar uma, através de contatos com os professores que lecionavam na época, haja vista que segundo a referida coordenadora, as informações se perderam durante a reforma do colégio ocorrida há alguns anos.

Em um segundo momento, fizemos outro contato com a direção da escola, desta vez para colher algumas informações gerais sobre o estabelecimento, que nos permitissem traçar um perfil do mesmo.

De acordo com o que nos foi repassado, o Premem, atualmente possui cerca de setenta e cinco professores no seu quadro, sendo sete de História. A escola comporta turmas do ensino fundamental, do sexto ao nono ano, e do ensino médio, do primeiro ao terceiro ano. A estimativa da quantidade de alunos está em torno de mil seiscentos e vinte quatro (1624), sendo setecentos e sessenta e sete (767) matriculados no turno da manhã, seiscentos e cinqüenta e um (651) no turno da tarde e duzentos e seis à noite (206). A média de alunos por sala é de quarenta (40). A direção da escola nos informou que atualmente o colégio possui seis turmas de sétima série, três no turno da manhã e três no turno da tarde. Segundo informações oficiais, oferecidas pela direção da escola, neste estabelecimento de ensino temos uma diversidade de alunos que não procedem apenas do bairro onde a escola se localiza, mas também de vários bairros circunvizinhos, sendo que um considerável número de alunos mora em bairros distantes e alguns, inclusive, residem em cidades próximas a Campina Grande.

Buscamos também informações sobre o perfil étnico-racial dos alunos que estudam no colégio. Segundo a direção da escola a maioria dos alunos pode ser identificada como pertencente à categoria “pardo”. Esta categoria é utilizada pela direção no formulário de matrícula dos alunos, onde são apresentadas as mesmas nomenclaturas para identificação étnico-racial utilizadas pelo IBGE. Desta forma, nos foi repassado pela direção que a maioria dos alunos é parda ou ‘mestiça”, tendo a escola poucos negros e brancos matriculados.

Com relação à estrutura física, o colégio, que já está em funcionamento há 28 anos, possui um total de quarenta salas de aula, além de um pátio amplo, sala de informática, biblioteca e um ginásio poli esportivo recém construído. Há cerca de dois anos o Premem passou por uma reforma geral, que envolveu toda a sua estrutura.

Nesse segundo contato, realizado duas semanas após o primeiro, pudemos enfim ter acesso ao livro que utilizaremos na pesquisa. Trata-se do livro de 7ª série da coleção *História & Vida Integrada*, de autoria dos irmãos Nelson e Claudino Piletti, que foi utilizado em 2002 na escola.

A próxima etapa da pesquisa será o mapeamento deste livro e das iconografias a serem analisadas, observando seus respectivos autores. Tentaremos perceber e identificar quais as

iconografias que possibilitam uma leitura das concepções referentes aos negros que foram expostas no decorrer do texto. Em um momento posterior tentaremos fazer o cruzamento das concepções expostas nos textos com as representações iconográficas que tratam da temática estudada.

Ao mesmo tempo estamos realizando há alguns dias o levantamento de monografias e dissertações produzidas no curso de história da UEPB sobre a temática do negro, sobretudo, focadas nas concepções referentes aos negros que foram representadas através de imagens e outros recursos nos livros didáticos. Nesse sentido, iniciamos uma catalogação dos Trabalhos acadêmicos orientados (TAO's) que fazem parte do acervo do Núcleo de Pesquisa Histórica do curso de História (Nudoph) da UEPB. Este local foi escolhido, haja vista que foram enviadas para lá as cópias das monografias defendidas nos últimos anos no curso de história.

Praticamente todas as monografias, teses e dissertações que fazem parte do acervo do Nudoph foram defendidas em cursos de história, sendo que praticamente todas as monografias de conclusão de curso de graduação e especialização foram defendidas no curso de história da UEPB. Nesse sentido, a maior parte destes trabalhos se encaixa em uma das sete linhas de pesquisa do curso, que são: Estrutura de Poder e Movimento Social; Ensino de História; Moral, Crença e Manifestações Religiosas; Questão Agrária e Estado; Economia e Sociedade; Marginalidade, Conflitos e Contracultura; Cultura Regional e História Local.

Pudemos observar que os trabalhos de conclusão de curso estão justamente divididos de acordo com estas linhas de pesquisa. Com a exceção das teses, dissertações e monografias de especialização que não seguem este modo de divisão.

Desta forma, esta catalogação não permitirá apenas o contato com o que foi produzido no curso sobre o nosso tema de estudo, mas também nos permitirá identificar a recorrência neste curso de pesquisas que tratam diretamente das temáticas negro, livro didático e, principalmente, do cruzamento das duas que é a nossa temática central de pesquisa. Assim poderemos observar o quanto estes estudos estão sendo trabalhados no curso de história da UEPB.

Em seguida, após o término da catalogação (estamos aproximadamente na metade do processo) faremos a leitura das pesquisas catalogadas que tratam do nosso tema de estudo, e elas poderão fazer parte das referências do nosso trabalho. Entretanto, mas do que isto, as informações contidas nessas pesquisas, juntamente com a observação anterior das suas recorrências, nos ajudarão a entender como esta temática vem sendo tratada no nosso curso de história da UEPB.

Pesquisa bibliográfica, leitura, releitura e produção de fichamentos temáticos

Com o intuito de nos aprofundarmos nas discussões referentes tanto as representações dos negros em livros didáticos de história, como a temáticas afins (teoria da história, educação, história da educação, relações étnico-raciais, análise iconográfica, etc.) iniciamos a leitura das referências que já faziam parte do projeto. Em seguida buscamos ter contato com mais referências que nos ajudassem a levar adiante os nossos objetivos.

As principais fontes bibliográficas utilizadas até então são os artigos publicados em periódicos científicos e livros de leitura corrente. Estas fontes foram em sua maioria encontradas na internet, em bases de dados, como a *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)*. Nestas bases podem ser encontradas várias coleções de periódicos científicos, que por sua vez trazem a possibilidade de cópia integral dos arquivos, até mesmo de dissertações e teses de doutorado. Em alguns casos os sites desses periódicos foram consultados diretamente, por exemplo, sites de revistas científicas de história.

Outras fontes foram encontradas via sites de busca, como o *google*. Após serem identificados como possivelmente referências para a pesquisa, os arquivos eram copiados através de downloads e armazenados em computador, para em seguida serem impressos e lidos.

Contudo, alguns livros e artigos foram obtidos através de compras, empréstimos com profissionais universitários ou através de xérox. Outras fontes, entretanto, já faziam parte dos acervos pessoais da orientadora ou do bolsista. Foram, em suma, materiais utilizados em outras pesquisas com objetivos aproximados a esta ou relacionados a temas de interesse de historiadores e/ou professores de história de um modo geral. A estas fontes bibliográficas serão somadas mais a frente possíveis fontes encontradas no Nudoph, após o fim da já citada catalogação.

Com relação às leituras das fontes: iniciamos as pesquisas com *leituras exploratórias*, para identificar quais fontes nos ajudariam a entender o problemas levantados na pesquisa, desenvolver os objetivos, identificar como a temática vem sendo trabalhada por outros autores e buscar os referências teóricos para a execução da análise.

Em um segundo momento partimos para a *leitura seletiva* das fontes identificadas a priori. Nesse momento iniciamos uma tarefa que vem sendo executada paulatinamente: verificar e separar o material que é pertinente à pesquisa. Nesta leitura já são sublinhados alguns textos que posteriormente serão fichados.

Na atual fase da pesquisa estamos concentrados na *leitura analítica*, uma leitura mais crítica, onde se busca entender o que os autores selecionados estão falando sobre as temáticas nos quais estamos (junto com eles) debruçados. Estas leituras é que nos fundamentarão para discutir as idéias centrais levantadas por outros autores. Esta etapa é mais complexa e demorada que as anteriores.

Também neste momento estão sendo feitos os fichamentos temáticos dos conteúdos das fontes consultadas, assim como a tomada de notas com relação a pesquisa.

O próximo momento será a *leitura interpretativa*, onde faremos a relação entre o que outros pesquisadores têm a nos dizer sobre o tema estudado e o que nós mesmos observamos até então na nossa pesquisa. Esta leitura será muito útil para a obtenção das respostas aos problemas levantados e ao desenvolvimento dos objetivos, além de ajudar na hora de redigir o relatório final. Contudo, deve-se salientar que estas etapas de leitura muitas vezes não são feitas em seqüência cronológica, sendo que a todo instante, a depender da demanda, poderemos migrar para uma etapa anterior ou posterior.

Nos períodos imediatamente anteriores e posteriores a produção deste artigo, nossa atenção esteve/estará voltada principalmente para as discussões teóricas afins a nossa pesquisa. Nesse sentido, estamos realizando agora o equivalente às etapas cinco, seis e sete do nosso projeto inicial.

Estas leituras tratam principalmente de discussões teórico-metodológicas, historiografias ou de pesquisas pertinentes aos temas: Teoria da História, Parâmetros Curriculares Nacionais, livro didático de História, imagem e análise Iconografia, questão étnico-racial (especificamente a representações do negro em livros didáticos e outros artefatos materiais e simbólicos). Apropriar-nos-emos destas literaturas com o objetivo de constatar quais delas possibilitam uma melhor execução da análise das concepções expostas sobre os negros nas iconografias encontradas no livro analisado.

Em suma, as próximas etapas da pesquisa são: 1- conclusão das leituras analíticas e término da produção de fichamentos temáticos; 2- Identificação e seleção das iconografias a serem posteriormente analisadas no livro que já está conosco e nos que serão repassados; 3- Análise das iconografias sobre o negro dispostas neste livro; 4- Realização de Leituras interpretativas das fontes analisadas e cruzamento das informações contidas nestas fontes com as informações contidas na pesquisa, ou seja, a interpretação visando a obtenção dos resultados; 5- Digitalização, catalogação de todo o material digitalizado. Entretanto, isto não implica que as etapas serão realizadas necessariamente nesta mesma seqüência.

Conclusões parciais

Ainda não temos conclusões definitivas sobre os objetivos que propomos desenvolver durante a pesquisa. Contudo, alguns pontos podem ser comentados, ainda com ressalvas, para que não se acabe fazendo conclusões precipitadas.

Analisar como os negros foram representados nos livros didáticos, que ainda constituem o recurso mais acessível aos alunos, é fundamental, visto que as imagens e os assuntos expostos (ou omitidos) nesses materiais influenciam na construção das identidades dos indivíduos e das concepções que estes têm si e dos outros. Nesse sentido, ressalta-se a necessidade de reconstrução de um saber escolar que considere as diferenças sociais, culturais e étnicas, rompendo com a visão globalizante da história, que por muitas vezes auxilia na propagação e reprodução de estereótipos.

Com base nas leituras já feitas e nas que estão agendadas para as próximas etapas, em pouco tempo teremos condições para observar se as formas como os negros foram representados no livro didáticos analisado tem relação ou não com o que foi levantado por outras pesquisas.

Percebemos durante os contatos com as fontes bibliográficas que se fazem necessárias pesquisas que tratem da recepção de tais livros por professores e alunos, além de estudos das concepções tidas por estes sujeitos tanto dos conteúdos como das iconografias que lhe são apresentadas nos livros didáticos.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papyrus, 1993. 317 p. (Coleção Ofício de Arte e Forma)
- ALMEIDA, Carlos Alberto. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007. 277 p.
- BARROS, José D'Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*. Maringá, v. 9, p. 125-141, 2005.
- BERND, Zilé. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1998. 58p.
- BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. P. 185-204.

- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe (Org). *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1997. Coleção repensando o ensino. P. 69-90.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. P. 7-16.
- BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, 23 dez. 1996^a. P. 27894.b
- BRASIL, Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, Df, 11 mar. 2008.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Bens Culturais e poder simbólico: algumas notas sobre a contribuição de Pierre Bourdieu para o ofício dos historiadores. *Tempos Históricos*. Marechal Candido Rondon, V.9, p. 76-116, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. 239 p.
- _____. A história Hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, no. 13, p. 97-113, 1994.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 5, no 11, p.173-191, abril 1991.
- COSTA, Candida Soares da. *O negro no livro didático de língua portuguesa: imagens e percepções de alunos e professores*. Cuiabá, 2007. 98 p. (Coleção Educação e Relações Raciais, 3).
- COSTA, Warley da. *Imagens da Escravidão no livro Didático*. In: V Jornada Histedbr: História, Sociedade e Educação no Brasil, 2005, Sorocaba. Instituições Escolares Brasileiras: História, Historiografia e Práticas. Campo Grande : UNIDERP, 2005. v. 1. p. 59-59.
- D’ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 248 p.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de História e Diversidade Cultural: Desafios e Possibilidades. *Caderno Cedes*. Campinas, v.25, no 67, p. 378-388, set/dez. 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>> . Acesso em 20 abr. 2006.

- Fernandes, Luiz Estevam; Morais, Marcus Vinícius de. Renovação da História da América. In: KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. P. 143-162.
- LEITE, Miriam L. Moreira; FELDMAN-BIANCO, Bela (orgs.). *Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, São Paulo, Papyrus, 1998, 319 pp.
- MARIANO, Nayana Rodrigues Cordeiro. *A representação sobre os índios nos livros didáticos de história do Brasil*. 2006. 109 p. Dissertação (Mestrado em Fundamentos e Processos em Educação Popular) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, no 45, p. 11-36, 2003.
- MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.24, no 48, p. 123-144, 2004.
- MEC, CNE/CP 003/2004, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.
- MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação- PENESB-RJ, 05 nov. 2003.
- NEIVA JR. Eduardo. *A imagem*. São Paulo: Ática, 1986. 93 p. (Série princípios, 87)
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-Asiáticos*. Salvador, no 3, p. 421-461, 2003.
- ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan/jun. 2003.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998. 224 p.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 176 p.
- SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). *Superando o Racismo na Escola*. 2 ed. Brasília: Mec/Secad, 1999. P. 21-37.

Livro didático a ser analisado

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História & vida integrada (7ª série)*. São Paulo: Ática, 2002. 232 p.